

A DEFINIÇÃO DE EXISTENCIALISMO E SUAS IMPLICAÇÕES EM SIMONE DE BEAUVOIR: POR UMA DESMISTIFICAÇÃO FILOSÓFICA

THE DEFINITION OF EXISTENTIALISM AND ITS IMPLICATIONS IN SIMONE DE BEAUVOIR: FOR A PHILOSOPHICAL DEMYSTIFICATION

*Lucas Joaquim da Motta*¹

Resumo:

Tornou-se comum, ao se escrever sobre a filosofia de Simone de Beauvoir, estudar seus conceitos a partir do vocabulário existencialista, afinal, no cenário filosófico da década de 1940, Sartre, Merleau-Ponty e ela tornaram-se os intelectuais “existencialistas” franceses mais conhecidos no país e no mundo ocidental. No entanto, o modo pelo qual cada intelectual constituiu sua doutrina é distinta um do outro, embora – e é esse nosso alvo crítico aqui – muitas vezes, ao se considerar o existencialismo de Beauvoir, estaria se assumindo, quase que de imediato, a doutrina sartreana ou merleau-pontiana. Sabe-se ao mesmo tempo que em 1943, ao ser questionada por Jean Grenier se era existencialista ou não, Beauvoir se viu diante de uma etiquetagem – ser ou não filiada a tal doutrina. Portanto, esse artigo investiga dois textos da autoria de Beauvoir – *O existencialismo e a sabedoria das nações* e *¿Qué es el existencialismo?* – e coloca seu foco no conceito beauvoiriano de existencialismo e suas consistências teóricas.

Palavras-chave: Beauvoir; Existencialismo; Filosofia da Existência; Ambiguidade.

Abstract:

It has become common, when writing about Simone de Beauvoir's philosophy, to study her concepts from the existentialist vocabulary, after all, in the philosophical scene of the 1940s, Sartre, Merleau-Ponty and she became the best known French "existentialist" intellectuals in the country and in the Western world. However, the way in which each intellectual constituted their doctrine is distinct from each other, although - and this is our critical target here - often, when considering Beauvoir's existentialism, one would be assuming, almost immediately, the Sartrean or Merleau-Pontian doctrine. It is known at the same time that in 1943, when questioned by Jean Grenier whether she was an existentialist or not, Beauvoir was faced with a labeling - to be affiliated with such a doctrine or not. Therefore, this article investigates two texts by Beauvoir – *Existentialism and the Wisdom of Nations* and *¿Qué es el existencialismo?* – and focuses on the Beauvoirian concept of existentialism and its theoretical consistencies.

Keywords: Beauvoir; Existentialism; Philosophy of Existence; Ambiguity.

¹ Mestrando em Filosofia; Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: lucasjufscar@gmail.com Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3740493609654132> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4697-6247>

Introdução

Em uma entrevista concedida por Simone de Beauvoir a Radio-Canadá, em 1959, que, nesse mesmo período, foi impedida de ir ao ar devido a pressão da censura para impedir a divulgação do conteúdo, o entrevistador Wilfrid Lemoine comenta com a autora que no Canadá, quando se fala de existencialismo, a primeira coisa que vem à mente é toda uma juventude ruidosa, sorridente, amante de *jazz* dos anos de pós-guerra, que vivia em Sain-Germain-des-Près² e que se autoproclamava existencialista; em sua opinião, questiona ele, “lhe parece que essa juventude oferecia uma imagem real do ser existencialista, do ser humano existencialista?”³ (BEAUVOIR; LEMOINE, 2020, p. 29, *tradução nossa*). A filósofa é categórica em sua resposta: ela não crê, de nenhuma maneira, que haja alguma relação entre a filosofia existencialista, seja a de fundo cristão⁴ ou ateu⁵, e essa juventude, exceto por uma questão topográfica – nesse caso, “fora isso, vejo pouquíssima relação entre os dois tipos de existencialismo. É acidental terem encontrado. [...] Completamente acidental” (BEAUVOIR; LEMOINE, 2020, pp. 29-30, *tradução nossa*). Quer dizer, no mundo contemporâneo posterior à guerra de 1939-1945, dizia-se que havia uma “moda existencialista” que estava em constante expansão com a derrota nazista e a juventude fervorosamente rebelde após tal conflito; aliás, cantaria mais tarde Emilinha Borba, nos anos 1960, o famoso jargão da marchinha carnavalesca *Chiquita Bacana*: “Existencialista, com toda razão, só faz o que manda o que seu coração” (BORBA, 2015). Mas será que definitivamente é isso o existencialismo de Beauvoir? Trata-se de um pensamento rebelde que era praticado por uma juventude parisiense e/ou canadense e que se expandiu em termos topográficos? Na verdade, se for levado em conta a consolidação mesma do que constituiu essa doutrina, isto é, a recepção dos estudos fenomenológicos de Husserl e Heidegger na primeira metade do século XX na França, além de uma retomada da tradição filosófica na qual Kierkegaard, no século XIX, se opôs à filosofia de Hegel, poder-se-ia, junto disso, levantar questões ainda mais difíceis de resolver: existencialismo ou filosofia existencial? Sartre ou Gabriel Marcel? Assim, enquanto “para alguns, o fenômeno é visto como uma corrente de pensamento, para outros, [era uma] expressão popular de uma moda ou até mesmo estilo de comportamento” (SILVA, 2022, p. 51); e o fato é que “essa pretendida caricatura não parece ser tão transparente assim do ponto de vista conceitual, razão pela qual passa a desencadear uma série de mal-entendidos gerando, não raras vezes, querelas intermináveis” (SILVA, 2022, pp. 51-52). Entre esses mal-entendidos, a caricatura do existencialismo se manifesta sob diversas maneiras, algumas vezes coerentes, outras nem tanto; um possível esclarecimento inicial pode partir da ideia segundo a qual, sem nenhuma dúvida, se se quiser exprimir de forma concisa o núcleo conceitual do existencialismo, seria preciso retomar que se trata de uma filosofia que se preocupa fundamentalmente com o indivíduo existente, colocando,

² Um dos bairros mais elegantes e privilegiados de Paris, na França. Nele que Beauvoir e Sartre eram vistos nas típicas cafeterias do local.

³ Para redigir os trechos dessa entrevista, utiliza-se a própria legenda traduzida e disponibilizada pela plataforma de acesso – nesse caso, o Youtube. O link de acesso se encontra nas referências.

⁴ No qual costuma-se incluir Kierkegaard, Karl Jaspers, Louis Lavelle, Miguel de Umanumo, Pierre Boutang, Martin Buber, Gabriel Marcel, entre outros, sendo que o autor que fez uso pela primeira vez do termo “existencialismo” foi Gabriel Marcel – como aponta Beauvoir em *A força da idade*.

⁵ No qual, por sua vez, costuma-se incluir Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Merleau-Ponty e Martin Heidegger.

só, diante de um universo sem sentido (cf: WOODWARD, 2016, p. 60); tal colocação leva Woodward a sintetizar três pontos dessa doutrina: a primeira seria como o existencialismo vê o mundo, a segunda como ele vê o Eu e, enfim, a terceira é o que ele vê como a forma correta de pensar e escrever sobre os assuntos existencialistas (cf: WOODWARD, 2016, p. 60). Na verdade, essa síntese é mais complexa em Beauvoir, pois: seu existencialismo não “vê” apenas o mundo, pelo menos enquanto um modo de reflexão, ele reivindica seu desvelamento – sua apreensão fenomenológica a partir de empreendimentos nos quais cada existência se engaja singularmente; ele também não define um Eu, substantivado, se por isso compreende-se uma identidade fechada em termos de existência que, como tal, dificultaria, para não dizer que impossibilitaria, a ideia de uma subjetividade situada nesse mundo e que, por justa razão, estaria em movimento rumo aos outros; por fim, à medida que Beauvoir afirma em uma entrevista de 1945 à revista *Les lettres françaises*, “não há moral explícita no existencialismo. Procurei extrair uma por mim mesma. E a expus em *Pirro e Cinéias*, que era um ensaio, e em seguida tentei expressar a solução encontrada em um romance e uma peça de teatro, isto é, em formas ao mesmo tempo concretas e ambíguas” (BEAUVOIR *apud* AURY, 1945, p. 04, *tradução nossa*).

É fato, pois, que se esse conceito, o de existencialismo, for estudado a partir de Simone de Beauvoir, o mal-entendido se torna ainda mais grave, de tal forma que “ao falar-se de existencialismo, quase que espontaneamente, as estudiosas ou os estudiosos [beauvoirianos (as)] tenderam a associá-lo, originalmente, à filosofia de Sartre. E o que é ‘espontâneo’ propende-se a ser assumido como dado” (ANDRADE, 2022, p. 42). Recusando esse “dado”, é mais do que válido, portanto, de modo a concordar com esse trecho supracitado, que seja indicado o modo pelo qual Beauvoir define sua filosofia tal como é colocado em seus textos: o existencialismo beauvoiriano. Porque, ainda que Beauvoir tenha deixado textos exclusivamente escritos sobre esse conceito, sobretudo entre 1945 e 1947, os esforços de uma parte considerável de comentadores e comentadoras da autora consiste em retomar da filosofia sartriana esse conceito para esclarecer o que a autora compreende – ou assume – por filosofia existencialista.

Pode-se, entretanto, conceber uma definição de existencialismo em Beauvoir que poderia ser organizado⁶ da seguinte forma: em primeiro lugar, uma filosofia que se aproxima de Kierkegaard no sentido de recusar a superação da condição humana em sua caracterização ambígua e forma de ser no mundo como autenticamente moral⁷ e, ainda, assumir a angústia de um mundo sem uma natureza humana e um ideal de virtude inerente a todas as pessoas e que, como tal, conduziria a paz perpétua; em segundo, uma doutrina que se expressa tanto sob forma de textos filosóficos quanto escritos literários, de modo a não pisotear na armadilha do que Beauvoir designa de uma “pura filosofia” (BEAUVOIR, 2008, p. 75) ou uma “pura literatura” (BEAUVOIR, 2008, p. 75), que, para não erguer barreiras entre ambos, assume “só uma realidade; é no seio do mundo que pensamos o mundo” (BEAUVOIR, 2008, p. 65); em terceiro, uma linha de pensamento que assume os extremos da condição humana e reivindica a presença concreta de cada subjetividade para que, nesse sentido, seu comportamento, sua situação possa ser considerada a partir da relação indissociável entre política e

⁶ Apenas organizado e não resumido, o que seria muita pretensão de nossa parte.

⁷ Beauvoir indica, em *A força da idade*, sua surpresa e admiração pelo que Kierkegaard denominou como homem autenticamente moral (cf: BEAUVOIR, 2018, p. 516).

moral; por fim, mas não menos importante, o fenômeno triplo que se dá (1) pela relação de cada existência com o mundo, (2) dela com os outros (intersubjetividade) e (3) a impossibilidade de permanecer em estado de repouso uma vez que, de maneira distinta dos objetos, “trata-se, de qualquer forma, de fazer a história humana, de fazer o homem; e, dado que o homem está por fazer, está em questão: é essa questão que está na origem, ao mesmo tempo, da ação e da verdade” (BEAUVOIR, 2008, p. 18). Desse modo, qual a relação da doutrina de Beauvoir e essa história humana vivida no cerne da ação e da verdade? Antes disso, como é possível evocar uma filosofia – dita existencialista beauvoiriana – que assume essa ideia de ser humano, em sua condição ambígua e dramática, sem aderir a um ideal de Ser Humano?

Definida, portanto, as ideias aqui a serem discutidas para melhor entendimento da doutrina que habita as implicações éticas, morais, políticas e ontológicas da filosofia de Beauvoir, o que está em questão é justamente isto: o vínculo entre o existencialismo e o que a autora entende por tal denominação; afinal, este termo se restringe “aos que parecem tê-lo aceitado, tal como Sartre, Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, ligados ao que se pode chamar de Escola Filosófica de Paris, muito embora isso não nos dê uma clara definição dessa nomenclatura” (WAHL, 1949, p. 11, *tradução nossa*).

O conceito de existencialismo em Beauvoir (1947)

Não eram raras as vezes que Simone de Beauvoir, durante sua viagem à América, assim como em seus passeios nas ruas da França, sobretudo de 1944 em diante, era questionada com entusiasmo: “Você pode explicar o que é o existencialismo? E meu interlocutor, sem dúvida curioso com qualquer novidade que tenha sido limitada com seu tempo e esforço, acrescentaria ‘em poucas palavras’ ou ‘em cinco minutos’” (BEAUVOIR, 2019, p. 35, *tradução nossa*). Há, assim, um interesse movido pela curiosidade dessas pessoas em compreender, ou, ao menos, averiguar em que consiste de maneira resumida essa doutrina que, em certo sentido, era tida erroneamente como uma moda pós-guerra, e noutro, um movimento político baseado na separação entre ética e moral; ainda, nesse contexto, Beauvoir também pontua que, como esperado, essa doutrina também não é “um fenômeno social análogo ao fenômeno *zazou*” (BEAUVOIR, 2019, pp. 35-36, *tradução nossa, grifo da autora*), que, segundo uma nota do tradutor espanhol de *¿Que és el existencialismo?*, se tratava de um grupo de jovens franceses extravagantes e elegantes da década de 1940 que apreciavam a música *jazz* estadunidense. Tais considerações implicam diretamente na tentativa equivocada de resumir o que seria essa filosofia e, além disso, colocar em dúvida se de fato tratava-se de uma filosofia, até porque, como se nota entre os e as intelectuais existencialistas, essa linha de pensamento também se popularizou entre as pessoas através de romances, escritos literários e peças teatrais; se o existencialismo é, como diz Beauvoir, “uma filosofia análoga em muitos aspectos às filosofias clássicas e discutidas em lugares tão prestigiados e respeitados como a famosa Sociedade Francesa de Filosofia” (BEAUVOIR, 2019, p. 39, *tradução nossa*), então torna-se cada vez mais impossível resumir suas premissas em simples frases conceituais, de tal forma que, em termos irônicos, ninguém sonharia em exigir “que o sistema de Kant ou Hegel seja explicado em três frases; o existencialismo não se presta facilmente à popularização” (BEAUVOIR, 2019, p. 36, *tradução nossa*). A

comparação aqui é relevante para apontar a impossibilidade de apenas estabelecer um exame superficial de uma doutrina filosófica que, como tal, não se separa da história a qual ela se situa; uma vez situada na própria constituição histórica do pensamento, em sua abordagem crítica, o existencialismo de Beauvoir é, antes de qualquer coisa, uma filosofia que sintetiza os extremos que, na tradição filosófica, se mostraram veemente como uma *questão* a ser resolvida; aqui, ao contrário disso, o problema a ser resolvido não é como estabelecer um sistema totalmente fechado e coeso para privilegiar – ainda mais a partir da teoria do conhecimento – um dos extremos (a alma ou o corpo, a razão ou a experiência, o mundo inteligível ou o mundo sensível, por exemplo), mas, antes de qualquer separação metafísica, em como conciliar o que anteriormente foi desvinculado do ponto de vista epistemológico; a crítica de Beauvoir à essa contextualização cara ao pensamento filosófico afirma a complexidade de hierarquizar ou assumir apenas uma das regiões nas quais se daria, de acordo com um dos primeiros significados de dualismo, a de Christian Wolff no século XVIII⁸, a admissão da “existência de substâncias materiais e de substâncias espirituais” (WOLFF, 1740, §39, *tradução nossa*). No entanto, uma tal conciliação vai além disso: ela não consiste apenas em admitir ambas as substâncias supracitadas, como também não significa que poderia haver uma descrição autônoma e independente sobre cada uma delas; por isso que, em Beauvoir, definir um corpo é defini-lo a partir de uma consciência que, como tal, é corporificada e cognoscente; definir uma subjetividade é defini-la em relação aos vínculos interpessoais e cujo polo objetivo constitui o solo social no qual essa subjetividade se situa; definir um sujeito que se realiza não em direção a sua identidade – um Eu fechado em si mesmo – mas em direção aos outros, é definir um sujeito que, embora seja uma liberdade para si, é um objeto a ser superado e transcendido pelas outras liberdades; definir a vida é defini-la pelo seu livre movimento rumo a morte mas que, entretanto, esse movimento é justamente a própria vida. Os exemplos ambíguos são muitos e, basicamente, o que de fato interessa aqui é que, utilizando os termos de *Por uma moral da ambiguidade* (1947), a ambiguidade é sempre sentida tanto pela vítima quanto pelo carrasco, tanto pelo opressor quanto oprimido: “[...] todo movimento vivo é um deslizamento na direção da morte. Mas se aceitam considerá-la de frente, descobrem também que todo movimento na direção da morte é vida” (BEAUVOIR, 2005, p. 104). Nessa mesma linha de raciocínio, para o existencialismo de Beauvoir, no mesmo livro supracitado:

A ambiguidade fundamental da condição humana abrirá sempre para os homens a possibilidade de opções opostas; sempre haverá neles o desejo de ser este ser de que eles fazem falta, a fuga diante da angústia da liberdade; o plano do inferno, da luta, jamais será abolido; a liberdade jamais será dada, mas estará sempre por conquistar. (BEAUVOIR, 2005, p. 97).

Em verdade, nos escritos de Beauvoir, o que se nota é que a conciliação prevista e almejada pelo seu existencialismo é uma conciliação de fato, que supera essa bipartição através de uma nova síntese: é o que facilmente encontra-se em sua

⁸ O que não significa que antes disso não havia já essa divisão e separação entre duas substâncias claras e distintas pelas filosofias tradicionais; pelo contrário, em verdade, já em Parmênides se via a distinção entre ser e aparência; em Platão, o mundo sensível e o mundo das ideias; em Descartes, o corpo (*res extensa*) e a alma (*res cogitans*), entre tantos outros. O uso do termo dualismo aqui, em sentido wolffiano, é tão somente devido ser um dos primeiros conceitos em sentido cronológico.

filosofia por meio do termo acima, o de ambiguidade; “o existencialismo se esforça por manter ambos os extremos da cadeia ao mesmo tempo, superando a oposição interior-exterior, objetivo-subjetivo” (BEAUVOIR, 2019, p. 38, *tradução nossa*). Daí provém o vínculo indissociável que a autora defende incansavelmente para denominar por excelência a condição humana e, nesse sentido, postular sua relação com a própria história do pensamento; em primeiro lugar, se a doutrina existencialista de Beauvoir for pensada através de um segmento linear – aqui denominado de condição humana – e que estaria entre ambas cadeias que a constituem, ou, se preferir, os seus extremos, ter-se-ia meramente uma descrição geral dela; entretanto, essa condição é vivida sob forma de situações particulares e cujo aspecto de experiência vivida de maneira singular é irreduzível a qualquer princípio universal que seria válido para uma condição humana *em sua generalidade*: trata-se de uma doutrina filosófica que privilegia, seja em termos morais, ontológicos ou políticos, sem hierarquizar tais instâncias, as situações particularmente vividas na concretude dessa condição e que, como tal, são diferentes e, muitas vezes, até opostas umas das outras. É assim que, sem nenhum espanto, a própria definição de existencialismo vem a ser colocado pelos apontamentos feitos por Beauvoir em *Por uma moral da ambiguidade* – nos quais “o existencialismo se definiu primeiramente como uma filosofia da ambiguidade; foi afirmando o caráter irreduzível da ambiguidade que Kierkegaard se opôs a Hegel”⁹ (BEAUVOIR, 2005, p. 15) – e discute, desta vez em *¿Qué es el existencialismo?*, como o cristianismo e o marxismo conservam apenas um dos extremos de acordo com suas finalidades e interesses intrinsecamente filosóficos; para ela, enquanto o primeiro preserva essencialmente o aspecto da interioridade, “no segredo de seu coração, pela pureza de suas intenções e pela relação individual da ética ditada por sua consciência, o homem alcançará sua salvação neste mundo” (BEAUVOIR, 2019, p. 38, *tradução nossa*), o segundo, ao contrário, “ênfatisa que esse o homem é um caniço, uma coisa entre as coisas, definível por sua relação com a realidade objetiva do mundo (BEAUVOIR, 2019, p. 38, *tradução nossa*).

⁹ Para Beauvoir, enquanto Hegel visou a superação da ambiguidade, dos extremos da condição humana, Kierkegaard, por sua vez, defendeu que seria preciso assumi-los; *grosso modo*, sem nenhuma pretensão de resumir as filosofias de ambos os autores ou criticar em absoluto o que Hegel entende por superar a ambiguidade: “O racionalismo, à medida que busca sempre a generalidade, desconfigura as singularidades que são características do mundo efetivo. Desse modo, ao criticar Hegel, Kierkegaard procura apontar as falhas de um sistema formal da existência. Existir é viver um paradoxo sem conciliação dos opostos, sem sistema, portanto. Além disso, superar as contradições – através dos mecanismos logicamente coerentes – só é possível no interior da lógica, através do pensamento e não pode surgir da realidade um sistema da existência só pode existir para Deus. [...] Contra qualquer forma de racionalização da existência humana, expresso em sistemas abstratos, Kierkegaard defende o indivíduo singular (*den Enkelte*). Ser indivíduo é permanecer fora de toda e qualquer sistematização. Se para Hegel o homem só se realiza expressando-se no universal – no estado – que é o Espírito racional, o estado é o responsável pela liberdade do indivíduo: agindo em nome do estado, o sujeito recupera sua individualidade. O sujeito em Hegel só é sujeito a partir do momento em que a individualidade é sintetizada pela universalidade, quando o eu imediato e individual é dissolvido no eu universal. Nesse discurso, o indivíduo se equivale ao outro, ou seja, perde aquilo que ele realmente é: sua individualidade. Tornar-se indivíduo, em Hegel, é adotar o discurso da corporação. Este processo dissolve a existência na coletividade e a individualidade se torna um produto do desenvolvimento de sua época, negando assim o ato da decisão, tornando-se algo histórico. Se para o Sistema de Hegel é sensato, para Kierkegaard é um disparate. (MARTINS, 2010, pp. 90-91).

Atualmente, as ideologias que conquistam a aprovação da maioria dos intelectuais franceses, a saber, o cristianismo, o existencialismo e o marxismo, têm em comum a pretensão de mostrar o homem em sua totalidade. Todas elas respondem à mesma necessidade: na França e em toda a Europa, o indivíduo procura ansiosamente encontrar seu lugar em um mundo de cabeça para baixo. (BEAUVOIR, 2019, p. 37, tradução nossa).

Nesse sentido, a doutrina de Beauvoir não se resume em uma escola estritamente filosófica que formaria existencialistas e estes, por sua vez, formariam outros existencialistas, ainda que assim fosse por bases críticas ou de reformulações a partir de ideias elementares; é uma filosofia que afirma a concretude do lançamento do ser no mundo e uma tal passagem – a do ser à existência – implica uma inquietação que é vivenciada por meio desse lançamento; entre o passado que não é mais e o futuro que está sempre por vir, Beauvoir defende a incomensurabilidade de cada existência em seu aspecto temporalmente vivido e, ainda, a concilia com o impulso de se agir nesse futuro indefinidamente aberto. Contra um puro subjetivismo, no qual a subjetividade independeria de sua história e, ainda por cima, no qual seria possível pensar em que consiste o conhecimento a partir desse sujeito, a autora sintetiza uma doutrina que justamente não está para lá da subjetividade e que, no entanto, também não se perde nesse “para lá”, nessa transcendência sem facticidade, sem imanência; por isso que, tal como nessa oposição ao subjetivismo, Beauvoir também está contra qualquer tentativa de fixar a subjetividade em estado de coisa, a uma condição puramente objetiva e que o naturalizaria no âmago de sua história. Dramática, essas duas regiões não são desconsideradas pela filósofa; está mais para o oposto disso: nas palavras de *Por uma moral da ambiguidade*, “o fato da existência não pode ser estimado, uma vez que é o fato a partir do qual todo princípio de estimação se define; ele não pode ser comparado a nada, pois não há nada fora dele para servir de termo de comparação” (BEAUVOIR, 2005, p. 19). Sem fatores extrínsecos que sirvam de pura comparação para justificar em absoluto o drama da condição humana – que agora perderia esse estatuto dramático, angustiante devido uma garantia que, por sua vez, apenas o distanciaria de suas escolhas e, conseqüentemente, de suas responsabilidades –, o existencialismo de Beauvoir supera o individualismo egoísta que tiraria o peso concreto dessas escolhas e que, tal como Blomart em *O sangue dos outros* (1946), as ações subjetivas se converteriam em abnegação e abstenção diante de um mundo cujas certas situações são privilegiadas e outras, de modo contrário, são opressivas. Logo, uma existencialista como Beauvoir se questiona com frequência – e isso é declarado com clareza em uma anotação jovial da autora: “para quê?”. Para quê? A resposta não é preestabelecida como o são nas coisas e nos objetos, que possuem uma finalidade a ser cumprida e que não reproduzem outra coisa senão essa finalidade; depois isso será visto, pois, antes de tudo, se existe no mundo através de um lançamento que significa não haver nenhuma razão de ser; se a existência, por assim dizer, é *para* nada, sem essa razão última, então é ela própria quem possibilita com que os valores humanos sejam estabelecidos no mundo de acordo com os seus empreendimentos, e estes empreendimentos envolvem os outros, as outras subjetividades: é um engajamento moral.

Isso implica, portanto, na ideia segundo a qual todo e qualquer valor apenas se concretiza se antes, por meio desse engajamento, houver uma condição de possibilidade; é o que quer dizer Beauvoir quando afirma que ela acredita que “é

possível para o homem tirar o mundo da escuridão do absurdo, revesti-lo de significados e projetar nele objetivos válidos” (BEAUVOIR, 2019, p. 39, *tradução nossa*); entre uma não criação da subjetividade por ela mesma, pelo menos no sentido que não haveria, para a autora, uma consciência absoluta que antecede a criação da obra por ela produzida, e a inevitabilidade de escolher entre as possibilidades particulares a cada situação, o existencialismo, ao menos dessa autora, reforça a falta ontológica que há na condição humana – não se é um ser em si, mas uma subjetividade situada e que se faz como presença para buscar as metas visadas por seu projeto, que é um projeto de ser – e, entretanto, coloca em questão esse fazer-se através da ação, enquanto escolha, e da verdade; essa subjetividade é, pois, caracterizada pela sua condição ambígua que a coloca entre sua liberdade e sua facticidade, o que, do ponto de vista existencialista, a faz viver essa ambiguidade através não de sua superação, mas de uma nova síntese – nesse caso, uma síntese que respeita as relações humanas com o mundo (cf: BEAUVOIR, 2019, p. 40).

Se no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial a cólera e a a miserabilidade humanas foram sentidas mais do que nunca pelas pessoas e que o drama da vida se tornou um drama de sobrevivência – porque a facticidade teve um peso extraordinário para o ser o extremo que serviria de fonte para julgar os indivíduos em sua cultura, em sua educação e, a partir disso, estabelecer os critérios de poder e destruição (por exemplo, independente de toda e qualquer subjetividade, exterminou-se milhares de pessoas por serem pertencentes ao judaísmo, como também exterminou-se milhares de japoneses em Hiroshima e Nagasaki devido um conflito que não cessava por ordem de uma autoridade maior; nesse caso, o Império do Japão sob comando do chefe de Estado Hirohito) –, então pode-se afirmar, por outro lado, que isso não significa que tais circunstâncias sejam eternas ou que isso seja culpa de uma fatalidade da história contemplativa: foi no seio da humanidade que essa miséria foi sentida e sofrida e, nesse sentido, será nesse conjunto de situações particulares que uma ideia de empreendimento se aproximará, ou não, dependendo justamente desse fazer-se da subjetividade, da autenticidade. Beauvoir aproxima, do lado do cristianismo e do marxismo, a necessidade de encontrar o lugar que cabe aos indivíduos, sobretudo em território europeu, após um longo período de catástrofe e desesperança; como já questionava a autora em *Pirro e Cinéias*: como haveria um lugar na terra para cada indivíduo? “Ele tomará lugar ao lançar-se no mundo, fazendo-se existir no meio dos outros homens por seu próprio projeto” (BEAUVOIR, 2005, p. 157, *grifo da autora*). A caracterização beauvoiriana do existencialismo retoma a individualidade de cada indivíduo de acordo com a apreensão de sua existência em seus acontecimentos mais singulares, mais incomensuráveis, e se esforça para relacioná-la com a totalidade do mundo; a distinção entre essa singularidade e essa totalidade, isto é, não uma captura integral de sua estrutura, mas a livre vivência das situações que, por sua vez, se constituem através desse mundo e no qual cada pessoa se encontra vinculada e fundamentalmente inscrita no tempo –, não esgotam, com razão, essa vivacidade da condição humana e, ainda por cima, significa cada valor humano antes de qualquer natureza humana *a priori*. Para recuperar a relação dessa ambiguidade com a história do pensamento, de maneira a explicitar o ponto conceitual que nela foi evocada a partir da importância de não dissociar, hierarquizar ou abstrair um dos extremos da condição humana, Beauvoir considera que no século XVI, “Pascal resumiu a ambiguidade da relação entre o universo e o

homem em uma expressão famosa e chamativa quando chamou o homem de caniço pensante¹⁰ (BEAUVOIR, 2019, p. 38, *tradução nossa*) – o que, aliás, não é demarcado exclusivamente em *¿Qué es el existencialismo?*; em *Por uma moral da ambiguidade*, uma das primeiras considerações da autora para demonstrar a ponte mesma que separa, em termos epistemológicos, a capacidade apreensiva e cognitiva dos indivíduos da dos seres irracionais, incluindo as plantas, é que há uma trágica ambivalência pela qual o animal e tais plantas apenas passam, enquanto o ser humano a conhece e a pensa; assim “se introduz um novo paradoxo em seu destino, ‘Animal razoável’, ‘Caniço pensante’, ele se evade de sua condição natural sem no entanto dela libertar-se” (BEAUVOIR, 2005, p. 13).

A partir dessa expressão, para Beauvoir Pascal já apresenta à história da filosofia o paradoxo mesmo da verdade da condição humana: sua fraqueza material, objetiva diante do infinito do universo e que, ao mesmo tempo, não abstém a sua grandeza – no entanto, essa grandeza é em relação ao nada e não ao infinito (cf: PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, p. 124); se, para Pascal, não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagar o indivíduo, pois, antes disso, um vapor, uma gota de água, bastam para matá-lo, todavia, e aqui que reside a ressalva de Beauvoir sobre o “outro lado” dessa condição, mesmo que o universo o esmague, ele seria ainda mais nobre do quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso (cf: PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, pp. 123-124). Em primeiro lugar, o existencialismo de Beauvoir assume esse paradoxo próprio e constitutivo da condição humana, à medida que em relação ao mundo, cada subjetividade não passa de uma misera coisa a ser esmagada por ações e movimentos externas, por exemplo, levando em conta o período que Beauvoir está situada, as bombas atômicas contra o Japão mostrou o poder aniquilador dessa vontade de domínio e poder; no entanto, em relação a si e aos outros, essa subjetividade é soberana e somente ela possui a decisão de escolher de suas próprias ações, quer dizer, de tomar para si essas ações e reconhecê-las no âmago de seu ser. Em segundo, se o caniço assemelha o indivíduo a um objeto qualquer, a uma passividade inerte em relação ao que é vivo, cabe lembrar muito justamente que ele se difere desse objeto a partir de uma capacidade que lhe é imanente: a de pensar sua condição ao mesmo tempo que a vive. Dirá mais tarde Beauvoir, em *Por uma moral da ambiguidade*, que, em particular, atualmente os seres humanos parecem sentir mais do que nunca o paradoxo de sua condição, isto é, enquanto eles se reconhecem pelo fim supremo ao qual toda ação deve subordinar-se, noutro lado, “as exigências da ação os obrigam a se tratarem uns aos outros como instrumentos” (BEAUVOIR, 2005, p. 15).

[...] quanto mais cresce seu domínio sobre o mundo, mais eles se encontram esmagados por forças incontroláveis: senhores da bomba atômica, ela no entanto não é criada senão para destruí-los; cada um deles tem nos lábios o gosto incomparável de sua própria vida, e no entanto cada um se sente mais insignificante que um insto no seio da imensa coletividade cujos limites se confundem com os da Terra. (BEAUVOIR, 2005, p. 15).

¹⁰ Cf: “O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante. [...] Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. Daí é que é preciso nos elevarmos, e não do espaço e da duração, que não poderíamos preencher. Trabalhem, pois, para bem pensar; eis o princípio da moral” (cf: PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, pp. 123-124).

Na verdade, é esse paradoxo que o existencialismo visa assumir, sem qualquer esforço em superá-lo: assumido, o indivíduo reivindica as oposições de suas ações e se lançam rumo ao futuro que é aberto precisamente por sua condição; sem uma neutralidade que o aliviaria das angústias dessa condição, sem razão de ser e, ainda por cima, realizar o movimento de sua consciência intencionada ao mundo a qual ela desvela, é a liberdade e seu paradoxo que são sentidas como nunca por cada existência. O existencialismo de Beauvoir, portanto, não se abstém desse movimento, mas, ao contrário disso, o sintetiza por meio de ambiguidades que colocam nas mãos de cada subjetividade a possibilidade de se fazerem autenticamente.

A sabedoria das nações e a censura ao existencialismo (1945)

Uma vez formulado em que consiste o existencialismo de Beauvoir, no sentido de evocá-lo teoricamente e apresentar sua ideia mais fundamental – nesse caso, trazer como tema de investigação o indivíduo situado, enquanto liberdade, transcendência, subjetividade e, ao mesmo tempo, facticidade, imanência, objetividade, que se realiza no mundo sem nenhuma garantia intrínseca ou extrínseca, além de suas relações com os outros e o mundo, o que dá-se o título de intersubjetividade –, é fato que, junto da retomada da autora sobre a soberania da subjetividade diante de suas ações e de suas escolhas, afinal, toda ação é uma escolha e, ao escolher, se interage com as outras subjetividades que, por sua vez, também são situadas, ela foi acusada de moldar uma imagem degradante, pessimista, melhor dizendo, putrefata do ser humano, desconhecendo, então, a sua grandeza e o aprisionando em um “miserabilismo” caótico; “[...] é, diz-se, uma doutrina que nega a amizade, a fraternidade e todas as formas do amor; encerra o indivíduo numa solidão egoísta” (BEAUVOIR, 2008, p. 19). Há por detrás dessas críticas – e isso merece uma atenção maior para que Beauvoir seja compreendida enquanto filósofa existencialista – uma negação da *verdade* mesma da condição humana que consiste basicamente em se refugiar do drama que provém das ações e das responsabilidades humanas a partir das situações nas quais cada pessoa vivencia e supera; essa verdade, para Beauvoir, é a da realidade. Aos poucos, portanto, quando o existencialismo na verdade traz uma visão de mundo definida com todas suas incoerências, contradições, aflições, isso afasta o indivíduo de um determinismo que o permitiria se apegar em facticidade injustificada e se relacionar com as coisas fixas desse mundo; “porque os homens receiam acima de tudo as responsabilidades, não gostam de correr. Têm tanto medo de empenharem a sua liberdade que preferem renegá-la” (BEAUVOIR, 2008, p. 32).

[...] corta-o do mundo e condena-o a permanecer encerrado na sua pura subjetividade, dado que recusa ao empreendimento humano, aos valores criados pelo homem, aos fins que persegue qualquer justificação objetiva. Será o existencialismo verdadeiramente conforme a esta imagem? (BEAUVOIR, 2008, p. 19).

Esse apontamento é comprometido pelo existencialismo, apesar de que reivindique da liberdade a retomada de consciência de sua situação por parte de cada indivíduo – por isso dizer que a liberdade em Beauvoir é, antes de qualquer coisa, uma liberdade situada e que, como tal, dispensa qualquer esforço de colocá-la numa esfera de pura contemplação e que a impossibilitaria não de criar o

mundo, mas de desvelá-lo através de um movimento dito construtivo e que recusa a condenação do indivíduo a um destino inabalável –, porque, tendo como ponto de partida essa liberdade, *assimilada* a subjetividade, está aí justamente “a razão mais profunda da repugnância que têm por uma doutrina que coloca essa liberdade no primeiro plano” (BEAUVOIR, 2008, p. 32). Colocar a liberdade em primeira linha é empreendê-la como movimento transcendente no mundo das coisas dadas partindo de uma separação que, em Beauvoir, é um fato e que, no entanto, pressupõe uma ação, a de ultrapassar as situações nas quais cada pessoa vivencia por seu projeto e cujos valores estão além de qualquer natureza; em oposição ao que autora define, em primeiro lugar, de filosofia da transcendência – na qual o ponto de partida é a existência de cada sujeito sem disfarçar a sua presença e dissimular a ele todos os seus atos como fonte na sua própria subjetividade (cf: BEAUVOIR, 2008, p. 33) – e em segundo, de filosofia da imanência – na qual o ponto de chegada de toda ação é dada e retroceder daí até o ao seu ponto de partida é nada mais nada menos que projetar do eu, em sua pura objetividade, no plano da interioridade (cf: BEAUVOIR, 2008, p. 33) –, o existencialismo de Beauvoir visa, em particular, que cada existência se realiza como “sujeito autêntico, num desabrochar incessantemente renovado que se opõe à realidade fixa das coisas; lanço-me sem rede, sem guia, num mundo onde não estou antecipadamente instalado: sou livre, os meus projetos são definidos por interesses pré-existentes” (BEAUVOIR, 2008, p. 33).

Essa ausência de uma rede, de um guia, de qualquer valor instalado no mundo é relevante para caracterizar a separação que diz ser um fato segundo Beauvoir, uma separação entre as consciências individuais, e que, entretanto, não indica, em nenhuma hipótese, a impossibilidade de ultrapassá-la: é um *fato metafísico* no qual cada sujeito “pode, através do mundo, unir-se aos outros homens; os existencialistas estão muito longe de negar, a amizade, a fraternidade, dado que aos seus olhos é apenas nestas relações humanas que cada indivíduo pode encontrar o fundamento e a completa realização de seu ser” (BEAUVOIR, 2008, p. 34). As relações nas quais o ser se legitima, em sua estrutura ontológica, no sentido de que, antes de tudo, cada existente é uma presença situada e finita de acordo com a condição mesma de seus projetos que, por sua vez, também são finitos, é uma condição que se dá por uma falta que faz vir à tona uma verdade: a da existência. Da análise existencialista de Beauvoir, liberdade e subjetividade são intrinsecamente inseparáveis, o que traz a insegurança e até o medo causado por essa doutrina: não se quer correr o risco de viver o que há de mais concreto nos vínculos humanos, nas suas relações, que é a sua ambiguidade como empenhamento no mundo e no qual cada subjetividade possui uma diretividade, rumo aos outros, para afirmar e assumir o movimento de transcendência. Há uma descrição em *O existencialismo e a sabedoria das nações* que muito justamente pontua a distinção entre a natureza – imparcial – e a moral – parcial e, portanto, definida conforme se assume ou renega a liberdade; segundo a autora, o seu existencialismo não condena a subjetividade a uma miséria irremediável, como também não o promete o paraíso ou a pacificação diante de um mundo instável; “se o homem não é naturalmente bom, também não é naturalmente mau; não é nada; para começar: compete-lhe fazer bom ou mau consoante assumo a sua liberdade ou a renegue” (BEAUVOIR, 2008, p. 33). Essa falta de um valor moral absoluto e que, muitas vezes, serviria para se refugiar da parcialidade que as condutas e os comportamentos subjetivos promovem, é uma falta que decorre dessa

diferenciação: em termos de natureza, fatos são fatos e, segundo a filósofa, não há nenhuma razão para se afligir com ela, ao passo que, ao contrário, em termos morais, “bem e mau só aparecem para lá da natureza, para lá de todo o dado; é por isso que se pode descrever a realidade com toda a imparcialidade” (BEAUVOIR, 2008, p. 33). Para lá desses dados e desses fatos, se é através da assunção ou negação da liberdade que todo valor se legitima como ponto de partida e, ao mesmo tempo, fim de uma conduta realizada em situação, é um repouso causado por um determinismo objetivo ou um subjetivismo abstrato que o existencialismo tende, nas palavras de Beauvoir, perturbar; essa perturbação é tornar qualquer destino uma fonte de inquietude, pois, ao contrário disso, o indivíduo “é o único e soberano senhor do seu destino, apenas se quiser sê-lo; eis o que afirma o existencialismo; e aí está precisamente um otimismo” (BEAUVOIR, 2008, p. 34). Em verdade, complementa a autora, é esse otimismo que inquieta, quer dizer, trata-se de se opor a ideia segundo a qual “se o homem não pode modificar a sua essência, se não tem domínio sobre o seu destino, não lhe resta senão aceitá-los com indulgência: isso poupa-lhe as canseiras da luta” (BEAUVOIR, 2008, pp. 34-35); daí surge que se há essa essência imutável na qual cada ser humano tende a lidar independentemente de sua vontade, afinal, a essência jamais se separa de suas partes que totalizam uma unidade, então não haveria o porque relacionar qualquer domínio existencial com as ações realizadas no mundo, pois, antes disso, uma tal essência já pressupõe as reais consequências e efeitos dessas ações: ela encerra a abertura indefinida do futuro.

No sentido de se opor a essa segurança, a esse mascaramento do drama da condição humana que, inicialmente, não define o indivíduo em sua totalidade, porque, como tal, não existe esse todo encerrado sobre si e que salvaguarda um lugar de direito e incomensurável atribuído às existências, Beauvoir coloca que, de um lado, nenhum sucesso salva o indivíduo dessa angústia diante de um mundo sem seguranças estrangeiras, que, para que continue a manter esse sucesso, é preciso que continue a querer, e que essa vontade se manifeste necessariamente por meio de novas ações; e nenhum insucesso impede ou suspende a importância imprescindível de prosseguir na luta e que, por isso, não despreza suas vontades de acordo com um ponto de vista exterior (cf: BEAUVOIR, 2008, pp. 35-36). E de outro, pontua a autora nessa mesma linha de raciocínio, que um indivíduo cujas circunstâncias elevaram à dignidade de herói gostará de pensar que tem marcada uma estrela na testa, “que bebe, come e dorme sendo herói; que, de ora em diante, no perigo, nas torturas, estará assegurado de que se comportará conforme à sua essência de herói, é uma ideia que poupa às angústias do verdadeiro heroísmo” (BEAUVOIR, 2008, p. 36). É, entretanto, através de seus empreendimentos que seus projetos são vividos como ponto de partida para ultrapassar os dados do mundo objetivo e, ainda, não abstrair a historicidade do sujeito – que está sempre em situação ou, se preferir, em alhures.

Vê-se que, se o existencialismo inquieta, não é porque desespere do homem, mas porque reclama dele uma tensão constante. Mas podemos interrogar-nos: por que uma tal exigência? Por que obstinarmos-nos em retirar as pessoas das pessoas onde encontram a segurança? E esta é, com efeito, uma pergunta que os críticos muitas vezes: que se ganha com ser existencialista? (BEAUVOIR, 2008, p. 36).

O contexto do trecho traz o que de fato sintetiza um dos interesses de Beauvoir, enquanto existencialista e fenomenóloga, e que muitas vezes a filósofa indica em seus textos: a importância de desmistificar e demonstrar a verdade do real. É assim que, embora haja uma inquietante tensão por detrás da condição humana – condição esta que inúmeras vezes repetimos ser ambígua –, cabe a cada subjetividade desvelá-la; e em *O existencialismo e a sabedoria das nações*, a autora aponta a ideia segundo a qual é tarefa impossível conciliar os extremos da condição humana, pelo menos no sentido de converter um ao outro, como também é impossível manter-se apenas em um deles. Como sua doutrina consiste menos em evocar uma conjuração verbal que fixaria a subjetividade em uma esfera inautêntica, isto é, recusando a sua liberdade ou apegando-se nela tão-somente, do que mostrar, afinal, do porque ser existencialista e suas utilidades, é a interrogação – a questão – de que cada indivíduo está em constante movimento de fazer a si e que, no entanto, vai além de qualquer justificativa absolutamente natural ou uma perspectiva solipsista que dissiparia a verdade do real, que sintetiza essa impossibilidade de ultrapassar a condição humana: assumindo-a, o que se terá é que quando cada caso concreto é considerado de perto, então ficará evidente que por detrás da condição ontológica do indivíduo – na qual ele não é um objeto (ser), mas, antes de tudo, uma falta de ser, uma ultrapassagem dos dados imanentes a si que se vinculada com o empenhar dos outros, enquanto abertura indivisível e inesgotável de vivências particulares – há sempre uma verdade profundamente política. Para estabelecer que é estranho questionar, como fez uma parte considerável dos críticos do existencialismo, o que se ganha com ser simpatizante dessa filosofia, Beauvoir coloca que isso é averso a qualquer intelectual; porque, segundo a autora, nem Kant e nem Hegel se perguntaram, ainda que por uma vez, o que se poderia ganhar com ser kantiano ou hegeliano; “diziam aquilo que pensavam ser a verdade, e nada mais; não tinham nenhum outro objetivo a não ser a própria verdade” (BEAUVOIR, 2008, p. 36).

Desse modo, em Beauvoir, a abertura da realidade para descrever fenomenologicamente a verdade do seu existencialismo é particularmente esta: a assunção da ambiguidade da condição humana e o perigo de adentrar a armadilha de escolher qualquer ação que evita esse drama tão indissociável dos seres humanos, seja através da recusa de sua liberdade por apego a um determinismo ou a experiência vivida dessa liberdade, mas recusando a história objetiva na qual ela se vincula. “Podemos recusar-nos aprendê-la [a verdade da condição humana] através das palavras e das frases, ou seja, a exprimi-la de forma sistemática, mas não a podemos evitar: o próprio esforço que se faça para lhe escapar é uma das maneiras de a manifestar” (BEAUVOIR, 2008, p. 37) – manifestação que, de resto, pode ser comparada, segundo Beauvoir, com as descobertas da psicanálise: um filho que odeia seu genitor, embora não confesse isso em palavras suficientemente claras, não estará apartado desse sentimento, porque, ao contrário disso, ele o afirma “pelo comportamento, pelos seus sonhos, pelas suas angústias; [...] em vez [de o psicanalista] empregar as suas forças a dissimular o ódio, é preciso que o paciente se liberte dele, não negando-o, mas assumindo-o e ultrapassando-o” (BEAUVOIR, 2008, p. 37). Novamente a filósofa adota o verbo *assumir* (*assumer*) para se referir a necessidade de lidar com o drama aqui discutido e que é vivida sob forma de tensão constante, uma tensão que muitas vezes, para fugir dela, os indivíduos recorrem aos diversos meios de negar sua condição mesma; refugiando-se em sua facticidade, esse indivíduo se assemelha a sua história

objetiva, ao seu país, a sua cultura, a sua educação e, por isso, não raramente se sente satisfeito em sacrificar sua vida pela pátria de sua nação ou pela sua família inescrutavelmente; em outro sentido, apegando-se apenas em sua subjetividade, ele visa se desprender das relações objetivamente intrínsecas a sua sociedade e, com isso, não faz nada mais do que se sentir um semideus, um sujeito que sobrevoa sua historicidade. Ambas tentativas são, como já dito, falhas, sobretudo quando não se reconhece a particularidade de cada condição vivida através de situações e cujas metas são tão singulares quanto ela; o que finalmente leva a subjetividade a ultrapassar essas falhas, a ir além dos dados factuais e, ainda, não recusá-los como forma de garantir uma situação sem limites ou assumi-los unicamente – sem o outro extremo, o da subjetividade – para não lidar com o peso concreto dessa situação, é evitar ao indivíduo a desilusão e o esvaziamento “que são a razão diária das mentiras demasiado fáceis; mas tocam-nos sobretudo porque aí vemos a condição humana plenamente assumida: e vemos que, assumindo-se, se justifica” (BEAUVOIR, 2008, p. 38).

Portanto, pode-se declarar que a relação verossímil entre a verdade prevista pelo existencialismo de Beauvoir e a assunção da condição humana, em suas situações vividas finita e singularmente, é uma verdade de fato: se a autora inicia sua definição de existencialismo através de uma retomada da subjetividade em sua situação e atribuindo a possibilidade de querer desvelar o mundo – nesse caso, assumir a realidade é declarar que toda ação subjetiva é uma responsabilidade humanamente moral – a partir dos quais todo empreendimento reassegura uma meta, então trata-se de uma filosofia que proclama os riscos de um futuro a ser definido e, junto disso, reivindica a luta por detrás da condição humana; se é a presença situada de cada projeto, quer dizer, um lançar-se espontâneo da existência em direção a um fim que, na verdade, também é um início para novos projetos, encontra-se em Beauvoir uma descrição na qual a individualidade desse projeto não é uma solidão unívoca e que o impossibilita de superar outrem, porque, pelo contrário, toda existência está diante dos outros e é nisso particularmente que se entende a importância do aspecto moral dessa condição; se é descobrindo-se que a existência se define e é nesse processo que a própria ideia de existência revela seu aspecto mais fundamental, a de estar entre dois extremos que, embora distintos, não se anulam, pode-se dizer que não há uma identidade em si mesma em Beauvoir¹¹, de modo que é a ausência de uma completude ontológica que permite a realização desse projeto – que é, portanto, um projeto de ser. As consequências de uma tal filosofia são múltiplas e não nos cabe sintetizá-las como uma inevitabilidade, mas uma coisa é fato e Beauvoir faz questão em apontar em sua doutrina: a de convencer que cada existência deve se querer autenticamente e, para isso, precisa recorrer às suas situações e afirmar todo e qualquer valor a partir dessa realização. Sendo assim, pode-se afirmar que, para o existencialismo de Beauvoir,

Em todo caso, de modo a retomar o que de fato contribui para uma analogia entre a liberdade e a subjetividade, os comentários feitos por Beauvoir à censura dos críticos sobre o existencialismo são uma consequência justa da ideia que tanto é reforçada aqui: essa doutrina intenciona a verdade da condição humana através da sua estrutura mesma que, embora não seja sempre vivida da mesma forma

¹¹ Ao contrário, como aponta Beauvoir em *O existencialismo e a sabedoria das nações*, para o existencialismo “o eu não está lá; existo como sujeito autêntico, num desabrochar incessantemente renovado que se opõe à realidade fixa das coisas [...]” (BEAUVOIR, 2008, p. 33).

pelas subjetividades¹², é inevitável dissociá-la da vida. Uma certa concepção dessa condição não é, como já se deve presumir, obscura, truncada ou escondida em Beauvoir, porque, de modo oposto a isso, ela faz parte da própria perspectiva fenomenológica da autora, exposta em suas obras. Vê-se basicamente, portanto, que há um vínculo dito fundamental da filosofia existencialista com a condição humana em suas particularidades concretas a partir das quais as situações de cada subjetividade são vividas e superadas – o que, inclusive, enaltece a preocupação de Beauvoir sobre as questões morais, já que essa subjetividade, agora situada, se relaciona, em termos de ações e condutas, com os outros. Daí provém que pensar Beauvoir como existencialista – o que muitas vezes não é feito, o que subestima sua própria doutrina a partir de uma concepção genérica ou sartreana/merleau-pontiana dessa linha de pensamento – é destacar do porque a condição humana – não mais em termos de natureza humana, mas de situações constituídas singularmente para definir o real conteúdo de cada projeto ético e ontológico – ocupar posição de destaque nas teses da autora; e não é por menos que, para a autora, é através da liberdade, enquanto presença situada no mundo em constante desvelamento por ela, que cada existência pode querer fazer a si mesmo como tal e, junto disso, agir em direção às outras existências – também situadas. Em primeiro lugar, em Beauvoir, é o projeto dessa condição que define o fim como tal e, para superá-lo, é preciso inicialmente tê-lo projeto como o que não é para ser superado; em segundo, essa condição destacada pelo seu existencialismo é paradoxal, no sentido de que, à medida que algumas subjetividades se reconhecem pelo fim supremo ao qual toda ação deve subordinar-se, as exigências dessa ação as obrigam a se tratarem umas às outras como instrumentos ou objetos: meios (cf: BEAUVOIR, 2005, p. 150).

De novo, ressalta-se a consideração de que a condição humana é uma tensão constante e dramática e que recoloca a soberania da subjetividade enquanto liberdade e situação; por isso que Beauvoir muito claramente se opõe ao que designa-se de *sabedoria das nações*, isto é, de maneira muito básica e, ao mesmo, sintetizada, os lugares-comuns nos quais cada dado, em sua nuance, revela uma visão do mundo em sua privação de qualquer desejo ou possibilidade de colocar em questão a luta imprescindível e necessária da condição humana; é a tentativa de naturalizar em absoluto a humanidade através de simples provérbios que visam limitar as ações como submetidos a um destino dado e, portanto, direcionado a um fracasso impossível de ser evitado – e esse fracasso é o de superar essa sabedoria por meio de uma nova filosofia, uma filosofia de vida, que relaciona ética e política com vista ao comportamento autêntico, e esta conduta é, antes de tudo, situada. Se se parte da ideia segundo a qual cada indivíduo é “um mecanismo cujos interesses e luxúria são as molas essenciais” (BEAUVOIR, 2008, p. 34), então “os seus sentimentos reduzem-se a um jogo de forças mais ou menos sútil: a sabedoria das nações afirma sob formas diversas este postulado” (BEAUVOIR, 2008, p. 34). E o existencialismo de Beauvoir, por sua vez, se opõe sob diversas formas este postulado; foi isso que vimos aqui.

¹² O que pode ser compreendido justamente pela variação moral das situações vividas; esta são, pois, distintas e se, em Beauvoir, a moral não é negativa, é devido ela não exigir ao indivíduo “que permaneça fiel a uma imagem fixa de si mesmo: ser moral é procurar fundar o seu ser, fazer passar ao necessário a nossa existência contingente” (BEAUVOIR, 2008, p. 60). Essa é, por assim dizer, uma das maiores teses da moral do existencialismo de Beauvoir.

Considerações finais

Na verdade, o presente artigo não é uma recusa da interlocução que é notável entre as filosofias de Beauvoir, Sartre e Merleau-Ponty, afinal, isso seria desvincular a própria comunicação teórica dos três e com o restante da história da filosofia: é, por assim dizer, de modo a retomar o que de fato constitui nossa intenção, uma colocação do que Beauvoir entende veementemente por existencialismo – o que muitas vezes é ignorado por meios de outros textos ou outras filosofias também ditas existencialistas.

Portanto, pensar Beauvoir enquanto existencialista é, pois, partir de uma filosofia que viabiliza uma moral – também existencialista; e, no entanto, também é compreender que essa doutrina não se resume ao seu aspecto moral, porque, em Beauvoir, ética, política e moral não se separam e, junto disso, é a condição ontológica de cada existência – nesse caso, ser uma falta de ser cuja intencionalidade da consciência, tema tão caro na fenomenologia em geral, indica uma relação indissociável entre sujeito e objeto, o que evita dualismos metafísicos tal como se encontra nas escolas realistas (objeto do conhecimento) e idealistas (sujeito do conhecimento), que pressupõe uma abordagem concreta: aquela que se esforça, segundo as palavras de *A força das coisas*, por conciliar a história com a moral e trazer aos indivíduos a importância de assumir a transitoriedade de sua condição, sem renunciar a um certo absoluto, ao mesmo que conserva sua dignidade – humana –, a preservar sua singularidade (cf: BEAUVOIR, 2009, p. 53).

Essa descrição não é fácil de solucionar: ela sintetiza os valores morais tão singulares quanto as próprias ações cerceadas através de situações e ainda evoca o absoluto da condição humana como forma de dignificar o drama da subjetividade situada por entre os extremos dela; a análise aqui incide sobre o pretérito dessas ações, portanto conservadas ou superadas sob forma de total imanência, junto com a procedência que se deve ter em relação a essa historicidade, o que significa, de maneira mais direta, vivenciar o paradoxo dessa condição própria de cada existência: de um lado, à medida que o existencialismo de Beauvoir intenciona a singularidade de cada situação que é vivida e superada sob um imenso pluralismo de possibilidades que vão além de qualquer prisão definitiva, essa filosofia não se abstém diante do drama experienciado pelos indivíduos: ela o assume e traz a condição mesma para vivê-la autenticamente. Em segundo, não se baseia em uma ideia de Ser Humano – universalizado pela imparcialidade diante dessas situações –, de tal forma que é o indivíduo em relação com o mundo e, portanto, com os outros, que se faz conforme assume ou renega sua liberdade: ele é livre não apenas para escolher, como também é um sujeito cujo um dos extremos é sua história, logo ele é historicamente livre, sendo que esse extremo objetivo não é o que determina absolutamente.

Referências

ANDRADE, J. B. *Um retorno a Simone de Beauvoir: Estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://wp.ufpel.edu.br/ppgfil/files/2022/11/UM-RETORNO-A-SIMONE-DE-BEAUVOIR>.

[pdf&ved=2ahUKFwjTgvXZ4pSAAxXpqpUCHWEUAIUQFnoECBMQAO&usg=AOvVaw3_EFu61nml_hF9AAQaNCet](https://www.researchgate.net/publication/354111111/pdf?ved=2ahUKFwjTgvXZ4pSAAxXpqpUCHWEUAIUQFnoECBMQAO&usg=AOvVaw3_EFu61nml_hF9AAQaNCet). Acesso em: 17 de julho de 2023.

AURY, D. BEAUVOIR, S. Qu'est-ce que l'existentialisme? Escarmouches et patrouilles. *Les lettres françaises*, 1945.

BEAUVOIR, S; LEMOIN, W. Entrevista com Wilfrid Lemoine. *Conversones*. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo ediciones, 2020.

BEAUVOIR, S. *Por uma moral da ambiguidade* seguido de *Pirro e Cinéias*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *Pour une morale de l'ambiguïté* suivi de *Phyrrus et Cinéas*. Paris: Gallimard, 1947.

_____. Qué es el existencialismo? *Fragmentos existencialistas y otros textos*. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo ediciones, 2019.

_____. *A força das coisas*. Trad. Maria Helena Franco Martins. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *A força da idade*. Trad. Sérgio Milliet. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (Coleção Clássicos de Ouro)

_____. O Existencialismo e a sabedoria das nações. *O Existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Mário Matos. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

_____. Idealismo moral e realismo político. *O Existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Mário Matos. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

_____. *Simone de Beauvoir Fala*. 1959. Entrevista concedida a programa televisivo. (40m13s). Disponível em: https://youtu.be/BRoW0c_tw4. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. *O segundo sexo* (I e II). Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HOLVECK, E. Introduction an *Existentialism and Popular Wisdom*. SIMONS, M. (Org.). *Simone de Beauvoir: philosophical writings*. Chicago: University of Illinois Press, 2004.

MARTINS, J. S. Kierkegaard e Hegel: Ou o indivíduo contra a corporação. *Revista Pandora Brasil*, n. 23, outubro, 2020, pp. 90-101. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Kierkegaard/jasson.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2023.

PASCAL, B. *Pensamentos*. 2ª ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores)

SILVA, C. A. F. A controvérsia existencialista: Sartre e Gabriel Marcel. *Revista Dialectus*, Fortaleza – CE, ano 11, n. 27, set-dez, 2022, pp. 51-74. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/83204/227530>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

WAHL, J. *Esquisse pour une histoire de 'l'existentialisme'*. Paris: L'Arche, 1949.

WOODWARD, A. Nietzscheanismo e existencialismo. *Nietzschianismo*. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.

WOLFF, C. *Psychologia rationalis*. Frankfurt & Leipzig: Officina Libraria Rengeriana, 1740. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_szJNAAAAMAAJ. Acesso em: 17 de julho de 2023.

Recebido em: 08/2023
Aprovado em: 11/2023